

ALEXEI NIKOLAEVITCH TOLSTOI - REALIDADE, FICÇÃO E CULTURA RUSSA.

Tanira Castro¹

Resumo: A literatura russa uma das mais ricas do mundo, nos brindou com grandes escritores, que criaram verdadeiros clássicos. Para quem está acostumado a ler os russos, sempre está atrás de novidades ou de obras ainda desconhecidas no Brasil. **Alexei Nikolaevitch Tolstói**, conhecidíssimo escritor russo do século XX, é um autor indispensável. Talvez já tenham lido “Ivan - O Terrível”, mas “A Serpente”, com certeza - não. Pois é a primeira vez que esta novela é editada em língua portuguesa. Ao contrário de outros clássicos russos, que geralmente se situam num tempo anterior à Revolução Russa de 1917, “A Serpente” descreve e retrata o difícil momento vivido pela população no início de um novo regime, onde as identidades pessoais foram perdidas e novas tiveram que ser buscadas para levar a vida adiante. A trajetória da personagem Zotova é sugestiva para retratar toda esta nova situação, sendo, acima de tudo, baseada em fatos reais. Ao leitor cabe acompanhar a história e tirar suas próprias conclusões quanto ao questionamento dos fatos e à justiça aplicada. É uma história imperdível para quem busca conhecer um pouco mais do que se passava na então recém criada União Soviética. Toda uma conjuntura da época, dentro de um novo regime, em que várias situações buscam se acomodar e servem de pano de fundo para esta história.

INTRODUÇÃO

A escolha da novela “A Serpente”, história lançada na década de 1920, baseada em fato verídico, o chamado “Caso Zotova”, brilhantemente apresentada pelo grande escritor russo **ALEXEI NIKOLAEVITCH TOLSTOI** (1882-1945), mais conhecido como o terceiro Tolstói, deve-se à sugestão de Nicolai Mirlean, Prof. Dr. da FURG – Rio Grande/RS, ao qual expressamos nosso especial agradecimento pela indicação e a introdução “A Rússia depois da Revolução de outubro”, realizada para a edição de 2004, publicada pela Ediplat, que apresenta um fiel retrato histórico dos acontecimentos que envolveram uma época heróica, difícil e praticamente desconhecida do leitor brasileiro, mas que pode nos dar uma pequena radiografia dos anos logo após a revolução socialista até o final dos anos 20, do século passado.

Agradecemos, também, ao escritor Lotário Neuberger, editor e revisor do texto, por seu apoio, compreensão e esmerada atenção para com esta publicação; bem como à Elena Mirlean, artista plástica, pelas belíssimas ilustrações e capa do livro “A Serpente”.

A RÚSSIA DEPOIS DA REVOLUÇÃO

¹ **Tanira Castro** – Doutora em Ciências Pedagógicas, área Teoria e Metodologia do Ensino de Língua Estrangeira, Universidade Federal de São Petersburgo - Rússia, Professor Associado, Departamento de Línguas Modernas, LET2, Setor de Russo, Instituto de Letras UFRGS. Caixa Postal 15.081 - CEP: 91.501.970. Porto Alegre/RS. Fone: 051. 3308.7079, Fax: 051. 3308.7303; e-mail: tcastro@ufrgs.br

Certamente é difícil encontrar uma pessoa que não tenha conhecimento da revolução de outubro de 1917 ocorrida na Rússia, que deu início à divisão ideológica no mundo. Mas, além dos limites da Rússia, é bem menor o número de pessoas que têm conhecimento do que se passou depois da revolução de outubro, quatro anos sangrentos de guerra civil e, praticamente, tudo que aconteceu nos primeiros sete anos de paz na União Soviética é totalmente desconhecido do leitor ocidental. O leitor brasileiro tem apenas algumas poucas informações dos acontecimentos que se desenrolaram na Rússia durante esse período que podemos denominar de “a revolução – GULAG²”. Na realidade, a história, como sempre, é bem mais complexa e contraditória do que a sua versão popular.

Entretanto, enquanto a guerra civil ainda se desenvolvia, o novo governo já compreendia que somente com a vitória obtida através das forças e armas não seria o suficiente para conservar o poder nas mãos. A grande destruição e a fome tornaram-se os temas dos inimigos mortais da revolução, que rapidamente liquidariam os seus resultados. Além disso, a política militar comunista demonstrou uma completa ineficácia econômica. Por essas razões Lênin dá início à Nova Política Econômica – NEP. Na realidade esta nova política econômica representava o retorno ao mercado econômico livre e à iniciativa empresarial privada. Mas nem todos os companheiros de Lênin aceitaram e concordaram com o novo caminho tomado pela revolução – para os mesmos fora anunciado que o Plano NEP era apenas um recuo temporário antes de prosseguirem em frente para alcançarem seus objetivos. Entretanto, logo a seguir, Lênin anunciou que o Plano NEP se estabeleceria por muito tempo e de uma forma firme. Tudo isso provocou um enfraquecimento dos apologistas da revolução, mas abertamente ninguém se atrevia a combater o Chefe.

O Plano NEP rapidamente deu seus efeitos positivos na economia do país. A fome foi eliminada, foi recuperada a produção local, as lojas se encheram de alimentos e produtos (algo semelhante ao que agora está acontecendo na China – uma combinação da ideologia comunista com elementos da economia capitalista). Em alguns poucos meses foi possível acabar com a hiperinflação, a moeda russa, o rublo, recuperou a sua conversão e estabilidade no mercado internacional. Com a morte de Lênin, o Plano NEP não foi extinto imediatamente, mas prosseguiu por mais alguns anos, enquanto não se fortalecia no poder Stalin, que só conduziu o país pelo caminho do socialismo depois de sentir-se absoluto no poder.

O Plano NEP por suas claras vantagens econômicas deu um golpe na ideologia central da revolução de “fraternidade e igualdade total”. A divisão de classes sociais surgiu de uma maneira abrupta e muitas vezes de forma irreconciliável. Muitos daqueles, que com seu próprio sangue

² GULAG – Glavnoie Upravlenie Lagueri pri Ministerstvie Vnutrennikh Del. Tradução: Comando Central dos Campos de trabalho Forçados – Ministério dos Assuntos Internos.

alcançaram a vitória na guerra civil, interpretaram o Plano NEP como a derrota da revolução, ainda como uma tragédia pessoal. Outros, muito rapidamente se reorganizaram e se adaptaram dentro das novas circunstâncias e facilmente trocaram “as selas de seus cavalos pelas poltronas de diretores”, formando assim, uma nova classe de funcionários soviéticos. Os antigos companheiros de armas e de lutas se encontravam, agora em lados diferentes de uma nova barreira.

O tema a respeito do período social do Plano NEP chamou muito a atenção de inúmeros escritores soviéticos. Este foi um tema apresentado de forma cômica nos contos de Mikhail Zochenko, de forma satírica em “As doze cadeiras” de Ilia Ilf e Evguenii Petrov, em forma de aventuras em narrativas educacionais para as crianças, tais como “O Canivete” e “O Pássaro de Bronze” de Anatolii Ribakov. Mas somente Alexei Nikolaevitch Tolstoi conseguiu realmente, de forma mais clara e profunda, apresentar este período histórico, através de uma tragédia pessoal de sua heroína Zotova na história, baseada em fatos verídicos, “A Serpente”.

Os chineses têm uma expressão muito significativa e verdadeira: “Que Deus não permita que você viva durante um período de transição”. O destino não foi complacente com a heroína Zotova esmagada pela roda da história, como aliás aconteceu com uma geração inteira da Rússia e da União soviética no XX – o mais terrível e sangrento da história; o que ainda nos dias de hoje continua acontecendo com a geração que enfrentou o período da Perestroika (da reconstrução) e da Glasnosti (da transparência e abertura).

ALEXEI NIKOLAEVITCH TOLSTOI - REALIDADE, FICÇÃO E CULTURA RUSSA.

Inicialmente um pouco sobre o autor: **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** (1882-1945) – famoso escritor russo do período soviético, nasceu em Moscou, Rússia, é mais conhecido como o “Terceiro Tolstoi”. Praticamente é um escritor desconhecido dos leitores brasileiros. No Brasil é muito conhecido um outro Tolstoi – Leon Nikolaevitch Tolstoi – escritor russo, autor mundialmente conhecido por seus romances “Guerra e Paz”, “Anna Karenina” e outros.

Alexei Nikolaevitch Tolstoi, possivelmente, ainda seja desconhecido no Brasil pelo fato de que suas principais obras foram escritas durante o período soviético e dedicadas à divulgação das conquistas da Revolução de Outubro de 1917, do governo soviético e do heroísmo do povo soviético, e por isso suas obras refletem um caráter político. **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** foi muito criticado e chamado de o “escritor do governo” e seu sucesso considerado como resultado de seus serviços ao regime socialista. Entretanto, a sua carreira como escritor não foi das mais fáceis. Ele foi testemunha, e um dos participantes, das grandes mudanças políticas ocorridas na Rússia daquele período, foi imigrante durante algum tempo e depois regressou a um outro país, a União Soviética, que construía o regime socialista. Participou da Segunda Guerra Mundial, a

“Grande Guerra Pátria”, como chamam os russos, como jornalista e repórter e morreu antes da vitória de maio de 1945.

Alexei Nikolaevitch Tolstoi tornou-se um autor muito conhecido na Rússia, por seus romances, tais como: “Pedro Primeiro”, “O caminho dos sofrimentos”, “A manhã nebulosa”, “Os imigrantes” e por muitos contos e novelas e muita literatura infantil. Na Rússia, ficou conhecido e popular já em 1907, quando publicou o seu primeiro livro de versos e poemas “Além dos rios azuis”. **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** gostava muito de teatro e durante o período inicial de sua obra escreveu alguns trabalhos dramáticos para o teatro. E, às vezes, até participou como ator de suas próprias obras teatralizadas, mas ficou conhecido pela sua peça teatral “Ivan – o terrível”.

Os acontecimentos da Revolução de 1917-1918 o obrigaram a viajar para a Ucrânia, de onde emigrou, através do porto de Odessa, estabelecendo-se na França, como a maioria dos aristocratas, escritores, poetas, compositores e artistas russos dessa época. **Alexei Nikolaevitch Tolstoi**, como os demais, não foi feliz durante o seu exílio, sua vida foi muito difícil e pobre. No outono de 1921, **Alexei Nikolaevitch Tolstoi**, e sua família, mudaram-se para Berlim. No exílio ele começou a escrever o seu primeiro grande romance “O caminho dos sofrimentos” (1920), no qual apresenta a destruição do velho mundo da época czarista, quando ele vivia feliz. Em 1923 viajou para Moscou como jornalista de um jornal de imigrantes e depois disso resolveu retornar definitivamente à sua pátria. Quando retornou ao seu país, **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** começou a trabalhar como escritor, escrevendo pequenas novelas, romances e ficção científica. O que lhe deu grande popularidade foi o romance histórico “Pedro Primeiro”. Em seu passado, como imigrante, sofrendo longe de sua pátria, **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** escreveu muitas obras, dedicadas à tragédia de muitos imigrantes da nobreza russa que perderam a sua pátria em resultado da revolução e a decorrente queda do regime czarista, os quais se viram obrigados a viver uma vida miserável e humilhante no estrangeiro, retratada no romance “os imigrantes”, escrito em 1938.

Os críticos atuais da obra de **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** tentam explicar a sua grande popularidade e fama como escritor, através do apoio de Stalin e do escritor Gorki, no início dos anos 30. **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** tornou-se amigo de Stalin e, possivelmente através dessa aliança de amizade, tornou-se o escritor mais respeitável do país. Mas, lamentavelmente, para continuar com esse apoio, ele teve que tornar-se um escritor que elogiava o seu Chefe Stalin. Em 1939 ele ganhou o título de Acadêmico da Academia de Ciências da União Soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial, **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** trabalhou como jornalista no front e ativamente publicava os acontecimentos ocorridos na frente de batalha. Essa atividade era muito importante para inspirar e entusiasmar os soldados do exército soviético. Hoje é muito

importante conhecer a obra de **Alexei Nikolaevitch Tolstoi**, em primeiro lugar, por ter sido um escritor muito talentoso, estilista, contista e um mestre da língua russa; em segundo lugar, em muitas de suas obras estão refletidos os destinos de uma parte da intelectualidade russa que retornou à pátria e reconheceu o governo soviético de Stalin.

Durante muitos anos, **Alexei Nikolaevitch Tolstoi**, como um patriota popular e influente, fez muitas tentativas e, às vezes com sucesso para obter permissão do governo soviético para a volta de escritores e compositores imigrantes-russos para a sua pátria. Um dos que voltou foi o famoso escritor russo A. Kuprin. É interessante saber que **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** conseguiu receber a permissão do governo soviético para a volta dos Estados Unidos do grande compositor S. Rachmaninov. Infelizmente, esta volta não se concretizou por causa de uma doença terminal do compositor.

Uma de suas mais conhecidas novelas é a “Serpente”, escrita em 1925. Inicialmente esta obra chamou-se “Uma novela sobre a vida de uma menina”, que mais tarde foi renomeada para “A Serpente”. Esta novela baseia-se em uma história real e a sua personagem principal – Olga Zotova – transmite o desapontamento das pessoas que realizaram a revolução, participaram da guerra civil e, depois disso, ficaram totalmente despontadas com as reformas pós-revolucionárias do governo soviético. Esta é uma história real que ocorreu em Moscou em 1924, provocando uma grande discussão e polêmica na imprensa, sob o título de “O caso Zotova”. Uma jovem mulher, Olga Zotova, assassinou com um revólver outra mulher, Sonia Varentsova, por causa de uma “briga de mulheres e ciúmes”. Este caso provou toda a população que se dividiu em pessoas a favor ou contra Zotova. O próprio autor **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** tinha uma grande simpatia por sua heroína, porque ele próprio já havia vivido inúmeras situações parecidas, durante esse período de revolução e pós-revolução, e o comportamento de Zotova e seus sentimentos da época de pós-revolução ele pôde entender e descrever melhor do que qualquer outra pessoa. Com apenas vinte e dois anos, Olga já tinha conseguido viver três vidas diferentes. Em sua primeira vida, ela era uma aluna do ginásio sonhadora e romântica de família de origem de ricos comerciantes. Sua primeira vida terminou quando, em frente de seus olhos, durante o terror bolshevik, seus pais foram assassinados e ela própria sobreviveu por um milagre. Em sua segunda vida, de menina órfã que não compreende o que está se passando à sua volta durante o período da guerra civil. Ela teve tifo e várias vezes foi ferida. Nessa vida ela aprendeu muito bem a andar a cavalo, a manejar a espada, tornou-se um soldado cavaleiro corajoso, e participou de várias batalhas contra o Exército Branco. Durante esses horrores e destruição completa da guerra civil ela, uma jovem romântica e honesta, apaixonou-se por seu comandante do exército vermelho, Emelianov. Depois de sua morte, ela caiu em depressão e pensou que sua vida acabara e que na havia mais nada pela frente. Com o fim da Guerra Civil, Olga Zotova começou a sua terceira

vida, trabalhando como secretária de uma repartição soviética. Nessa nova vida ela se sente uma pessoa desnecessária, sua vida torna-se sem sentido. Mas quando Olga encontra uma pessoa muito parecida a seu amado comandante do exército vermelho, Emelianov, ela inesperadamente se apaixona novamente, esperando que esse homem a entendesse se tornasse seu amigo, pois ele também tinha sido um soldado corajoso durante a guerra Civil e sentia-se, como ela, perdido nesta nova vida. Parece que **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** não gostava desse home, pois não deu para esta personagem nem nome. A personagem era conhecida como o Diretor da Empresa. E a rival de Olga, uma simples secretária, criou ao redor de Olga uma atmosfera de inimizades, intrigas e inveja, inventando boatos sobre Olga. Todos esses fatos levaram Olga, num ato extremo e impensado, a matar a intrigante Varentsova. Possivelmente, esse crime foi cometido no momento quando Olga, desesperada, estava pronta a suicidar-se, mas nesse momento entrou, porta dentro do quarto de Olga, Sonetchka Varentsova, cheia de rançar e raiva, com vontade de culpar Olga de todos os pecados possíveis e impossíveis. Uma pergunta muito importante surgiu durante o julgamento deste crime: por que Olga Zotova foi tão cruel com aquela mulher, por que não a deixou, por que não a desprezou? Parece que **Alexei Nikolaevitch Tolstoi** deu a resposta certa ao “porque”, escrevendo páginas a respeito da vida desta menina com dignidade, honra e honestidade. O que ela vira, após ser testemunha do assassinato de sua própria família? O terror sem fim da guerra civil, a perda da pessoa amada, depois – a solidão. Com toda essa vida tornou-se uma pessoa totalmente desequilibrada psiquicamente. Olga Zotova, que fora uma vítima, tornou-se uma vingadora contra pessoas que queriam humilhar a sua dignidade humana. A crueldade de Olga Zotava era a maneira dela se defender. Isso é muito importante, pois pode explicar as razões, seus motivos e sua atitude. Então, a pergunta: por que Olga Zotova assassinou Varentsova? Aqui poderíamos ter várias repostas, pois havia muitas razões e causas sérias que justificassem o ato.

A novela foi escrita muito rapidamente, durante cerca de dez dias, e publicada numa revista, “Notícias Vermelhas”. Mas por várias vezes o autor a reescreveu, e o final desta história: e o que vai acontecer com Olga Zotova depois do assassinato O autor deixou para os leitores decidirem o seu destino, ligado ao de um país onde acontecem mudanças políticas ou de regime como na Rússia, em 1917, e nos anos posteriores. Durante esse tipo de situação, o destino praticamente de toda a população bruscamente muda e pouco se fala a respeito das inúmeras vidas perdidas. E foi isso o que aconteceu com Olga Zotova, inicialmente testemunha da revolução, uma vítima dessa mesma revolução, e depois, durante o período da guerra civil, transformou-se em um soldado, combatendo e defendendo o poder soviético.

Baseado nesta novela, em 1965 foi produzido o filme com o mesmo título “A Serpente” (Gadiuka – em russo), dirigido por Victor Ivchenko – um famoso diretor ucraniano. O papel

principal deste filme foi realizado pela talentosa atriz moscovita Ninel Myshkova. Este filme fez muito sucesso entre o público soviético e ganhou vários prêmios em festivais cinematográficos.

Vejamos um episódio do filme (da novela). Sempre, quando Olga Veatcheslavovna, vestindo um roupão de algodão, despenteada e zangada entrava na cozinha, todos paravam de falar. Somente os fogareiros limpos cuidadosamente, cheios de querosene, continuavam a chiar com uma cega fúria. Olga Veatcheslavovna sempre causava em todos um certo constrangimento e um sentimento de perigo. Um dia um dos moradores do apartamento comunitário disse a seu respeito:

- Existem essas pestes que sempre estão prontas a disparar... O melhor a fazer, meus queridos, é ficar o mais longe possível de mulheres desse tipo...

Todos os dias, Olga Veatcheslavovna levava uma xícara, a escova de dente e uma toalha grossa amarrada em volta da cintura, aproximava-se da pia para lavar-se, colocando os cabelos escuros curtos sob a torneira. Quando na cozinha havia só mulheres, ela se despia até a cintura e lavava os ombros estreitos e o peito de menina com seios de bicos de cor marrom. Subindo num banco ela lavava as pernas fortes e bonitas. Nesse momento era possível ver em sua coxa uma cicatriz transversal comprida e nas costas, em cima da omoplata, brilhava uma marca cor de rosa – o traço da saída de um tiro, no braço direito, perto do ombro, era visível uma pequena tatuagem azulada. Seu corpo era esbelto, bronzeado, de um matiz dourado.

Todos esses detalhes foram bem examinados pelas mulheres que habitavam aquele apartamento comunitário de um grande prédio do bairro central de Moscou chamado “Zareadie”. A costureira, Maria Afanassievna, odiava com toda as suas forças Olga Veatcheslavovna e a chamava de a “carimbada”. Roda Abramovna Bezikovitch, uma desempregada, cujo marido morava e trabalhava nas tundras siberianas, sentia-se muito mal quando via Olga Veatcheslavovna. A terceira mulher, Sonia Varentsova, apelidada de Lialetchka, muito simpática, que trabalhava em uma Empresa de Tabaco, fugia imediatamente da cozinha, abandonando seu fogareiro, quando ouvia os passos de Olga Veatcheslavovna... E a sorte era que Maria Afanassievna e Rosa Abramovna que gostavam muito de Lialetchka, continuavam a cuidar de sua comida e de seu fogareiro, caso contrário. Lialetchka comeria todos os dias o seu mingau queimado.

Terminando de lavar-se, Olga Veatcheslavovna olhava para as mulheres com seus olhos “selvagens” escuros e voltava para seu quarto no fim do corredor. Ela não tinha um fogareiro e os moradores do apartamento não entendiam como ela se alimentava pela manhã. Um dos inquilinos, Vladimir Livovitch Ponizovskii, um ex-oficial, que atualmente trabalhava como intermediário das atividades comerciais de compra e venda de uma loja de antiguidades assegurava que Olga Veatcheslavovna tomava um cálice de um forte conhaque de teor alcoólico

de 60 graus todas as manhãs. Tudo era possível, mas ninguém de fato sabia o que acontecia de realidade. Na verdade, Olga Veatcheslavovna tinha um fogareiro que havia tirado da cozinha e levado para o seu quarto, pois não gostava de ninguém do apartamento, e não queria encontrar com mais ninguém na cozinha além do estritamente necessário. Mas certo dia chegou uma comunicação do síndico do condomínio que proibia o uso de fogareiros nos quartos. O síndico, Juravlev, quando ameaçou Olga Veatcheslavovna com um processo jurídico, e o conseqüente despejo, se ela continuasse usando o fogareiro no quarto, o que poderia ser perigoso e causar um incêndio, quase foi morto, pois ela lançou-lhe o fogareiro aceso, ele conseguiu escapar ileso, virando-se rapidamente. Olga Veatcheslavovna, totalmente irritada, ofendeu-o com palavrões tão feios que ele nunca havia ouvido, nem mesmo na rua, durante toda a sua vida. Evidentemente que o fogareiro depois desse incidente quebrou-se.

Usualmente, Olga Veatcheslavovna saía para o trabalho às nove e meia. Pelo caminho, provavelmente, comprava algum “buterbrod” com muita alegria para comer mais tarde ao tomar seu chá na empresa. Não tinha hora para voltar para casa. Homens nunca a visitavam em seu quarto.

Os vizinhos que espiavam seu quarto através do buraco da fechadura não satisfaziam a curiosidade dos moradores: paredes nuas, nenhuma fotografia, nenhum cartão postal, somente um revólver pendurado na parede em cima da cama. No quarto os móveis eram poucos – somente cinco peças: duas cadeiras, uma cômoda, uma cama de ferro e uma mesa perto da janela. Às vezes, o quarto era arrumado, a cortina da janela era erguida, o espelhinho, a escova de pentear os cabelos, dois ou três vidrinhos em ordem em cima da cômoda descascada. Na mesa uma pilha de livros e alguma flor em uma garrafa de leite.

Às vezes, todas essas coisas estavam em uma desordem terrível: os lençóis da cama amassados como se alguém os havia amarrotado, em todo o piso numerosas pontas de cigarros espalhadas, e no centro do quarto um penico vazio. Rosa Abramovna comentava com sua voz fraquinha:

- Ela mais parece um soldado desmobilizado, será que ela é mesmo uma mulher?

Um morador, Piotr Semionovitch Morsh, servidor de uma empresa de artigos medicinais, solteiro, de hábitos solitários, com um brilhante crânio calvo, um dia, rindo, aconselhou uma maneira de afugentar Olga Veatcheslavovna com 200 gramas de fumaça de iodofórmio, que passaria através de um tubo de papel colocado no buraco da fechadura de sua porta. Ele disse que ninguém poderia sobreviver numa atmosfera envenenada com iodofórmio. Mas os moradores tinham medo de executar tal plano.

De um modo ou de outro, Olga Veatcheslavovna era sempre objeto dos mexericos cotidianos dos moradores, que estavam prontos para procurar qualquer coisa que pudessem reprovar em seu comportamento. Se ela não estivesse mais por ali, a vida de todos os moradores seria totalmente aborrecida. Apesar da imensa vontade de todos os vizinhos que queriam saber mais informações sobre sua vida particular, ninguém conseguiu conhecer a verdade. Mesmo o constante medo da inocente Sonetchka Varentsova diante dela era um segredo misterioso.

Lialetchka não conseguia explicar a ninguém e confundia-se toda porque ela tinha tanto medo de Olga Veatcheslavovna. Lialetchka, se não fosse o seu nariz, poderia ser considerada estrela de cinema. Rosa abramovna de vez em quando recomendava a Lialetchka viajar a Paris para operar seu nariz e deixá-lo mais perfeito, mas sempre depois desse conselho suspirava e dizia:

- Oh meu Deus, mas como ir para Paris!

Ouvindo isso, Sonia Varentsova apenas sorria, suas faces tornavam-se cor de rosa, e o ávido sonho que surgiu fazia seus olhos azuis piscarem... Piotr Semionovitch Morsh dizia: “Ela é uma menina boazinha, mas tola...” Mas isso não era verdade. Lialetchka, com todas as suas forças, tentava aparentar ser uma tola, mas ela com a idade de dezenove anos, já sabia seu caminho e fazia muitas coisas como uma mulher prática e astuta. Os homens idosos, cansados de muito trabalho, que já fizeram sua carreira profissional, a adoravam. Ela provocava sorrisos de carinho do fundo do coração. Todos tinham vontade de a colocar no colo, e juntos, os homens queriam esquecer o barulho e a sujeira da cidade grande, os negócios e as preocupações. Quando ela enxugava com o lenço o seu narizinho, sentada de forma ereta ao lado da máquina de escrever, nas lúgubres salas da Empresa de Tabaco, quando surgiam os primeiros sinais da chegada da primavera. Ela sabia de tudo isso muito bem. Ela não fazia mal a ninguém, e realmente, se Olga Veatcheslavovna a odiava, isso significava que deveria haver algum mistério.

No domingo às oito e meia, sempre, quando rangia a porta no final do corredor, Sonia Varentsova derrubava o pires, suspirando silenciosamente, manifestava como sempre a surpresa e saía correndo da cozinha. Era possível ouvir como ela fechava sua porta à chave, chorando. Olga Veatcheslavovna entrava na cozinha; ap redor da boca, densamente fechada, já se notavam suas rugas; as sobrancelhas altamente deslocadas, o rosto magro de cigana davam a impressão de estar doente. A toalha, fortemente amarrada na fina cintura, mais parecia uma saúva. Sem levantar os olhos, ela abria a torneira e começava a se lavar, pingando água na assoalho... Maria

Afanassievna, certa vez, quis dizer alguma coisa no sentido de que Olga Veatcheslavovna deveria secar o piso molhado, mas calou-se; ela também sentia medo.

Secando os cabelos, Olga Veatcheslavovna lançou um olhar com seus olhos escuros, para as mulheres que estavam na cozinha e para o baixinho Piotr Semionovitch Morsh que entrou naquele momento. Ele trazia nas mãos um pedaço de pão, uma garrafa de leite e o seu horrível cachorro que sempre estava tremendo. Seus lábios secos maliciosamente sorriram. Ele era muito parecido com um pássaro aquilino, com barba meio grisalha e grandes dentes de cor amarelada. Parecia que sempre estava pronto para dizer: “Então, então, vivendo veremos...” Ele adorava divulgar a más notícias. Em suas pernas tortas balançavam suas pantalonas muito sujas, que ele geralmente usava pelas manhãs, nos afazeres domésticos.

Olga Veatcheslavovna, olhando para ele, soltou da garganta uns sons estranhos, parecidos com um grito ou riso penoso, como se desejasse expressar tudo o que guardava dentro de si mesma.

- Mas que diabo?!... Ela pronunciou em voz baixa, jogando a toalha sobre o ombro e saindo.

Um sorriso de satisfação apareceu no rosto pálido de Piotr Semionovitch: “Nosso síndico, depois de bêbedo, inesperadamente começou a luta pela limpeza” – disse ele, colocando seu cachorro no piso. – “Ele em pé, em baixo da escada, insistia, dizendo que meu cachorro havia defecado ali. Isso são excrementos dele”, disse ele. “Se seu cachorro continuar a fazer isso na escada vou para o tribunal”. Respondi-lhe: “Você não está sendo justo, Juravlev, esses excrementos não pertencem ao meu cachorro...” E assim começamos a discutir, em vez de alguém começar a limpar a escada e eu ir para o trabalho. Essa era a realidade russa daquela época...

Nesse momento, no final do corredor, de novo ouviu-se:

- Mas que diabo?!... – e a batida da porta. As mulheres que estavam na cozinha entreolharam-se. Piotr Semionovitch saiu para tomar chá e trocar suas calças de andar em casa pelas calças de domingo. O relógio na parede mostrava – nove horas.

Às nove horas da noite, num departamento da polícia federal, rapidamente entrou uma mulher. Seu chapéu de cor marrom, parecido com um capacete, estava baixado de maneira a

cobrir os olhos, a gola alta do sobretudo cobria-lhe o pescoço e o queixo. A parte do rosto que se podia ver, parecia estar coberta com pó-de-arroz branco. O chefe do departamento, olhando melhor, notou que não era pó-de-arroz, mas uma palidez mortal que cobria o rosto da mulher. Em seu rosto não havia um vestígio de sangue. Ela, aproximando-se com o peito junto da borda da mesa suja de tinta de escrever, disse em voz baixa em um desespero lancinante:

- Vá, até a rua Pskovskii... Pois eu fiz algo, que eu mesma não sei o que foi... E agora eu deveria morrer...

Somente nesse instante, o chefe do departamento notou, em sua mão roxa, um pequeno revólver. O chefe do departamento levantou-se, e através da mesa, segurou a mulher com ambas as mãos e tomou-lhe o brinquedo perigoso.

- Você tem permissão para usar armas? – perguntou ele severamente. A mulher atirou para trás a cabeça, porque o chapéu a atrapalhava e continuou de modo absurdo e olhá-lo.

- Seu nome, sobrenome, endereço? – perguntou ele depois, mais tranqüilo.

- Olga Veatcheslavovna Zotova...

Bibliografia

TOLSTOI, ALEXEI NIKOLAEVITCH. A Serpente. Tradução e notas explicativas de Tanira Castro e Svetlana Medeanic. Porto Alegre: Ediplat, 2004.

Site russo utilizado: www.lib.ru